

AVENÇA



Visado-pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XI • N.º 287 • PREÇO 1900

PATRIMÓNIO DOS POBRES

O LINHO

Começámos o ano de 1955 e com ele vamos também começar novas directrizes. Chegámos finalmente ao Estatuto que confere à Obra, personalidade jurídica o qual foi elaborado na Direcção Geral da Assistência com aprovação eclesiástica; temos aqui à disposição dos párocos a norma. Cada um que já construiu ou está construindo ou tenciona construir; esse dirige-se aqui por carta. Na volta recebe três cópias. Assina as ditas. Envia ao Director Geral da Assistência. Por sua vez, aquele funcionário toma conta, faz publicar no Diário do Governo. Não é preciso mais nada. Naquela freguesia, desde aquela hora, entra em vigor o *Património dos Pobres* com todas as isenções.

É necessário que os párocos das freguesias aonde as casas já estão habitadas, façam quanto antes o seu pedido. Nós sabemos de pessoas que têm oferecido terrenos de muito valor e agora muito mais com as casas. Não seria fácil, dado o calor da Obra, sim, mas não repugna acreditar que herdeiros se apresentem com ideias de tomar conta do que é seu. Por esta razão e também pela conveniência de arrumar o assunto, queiram ter a bondade de nos pedir cópias.

Parece-nos que *O Gaiato* é o melhor instrumento para fazer chegar esta notícia à mão dos interessados. Por ele se tem difundido a Obra. Os assinantes não deixam de o ler e depois da leitura, agir. Temos por escusada a carta individual. Contudo, se depois deste aviso, houver algum que não venha, vamos nós ter com ele por meio de correspondência. Neste ponto estamos entendidos e vamos a outro assunto.

Do nosso fundo do *Património*, temos auxiliado muitos e muitos párocos de boa vontade. Anda por três milhões e duzentos mil escudos, segundo as nossas contas. Eu acho admirável e até incrível que pobres homens como nós, *padres da rua*, tenham podido gerar uma tal confiança e conquistado um tal crédito! Mas o facto tem-se dado. É o acontecimento do dia. Ora muito bem. Se até hoje nos tem sido possível ir tão longe pelos nossos meios, agora muito mais, desde que o actual Ministro das Obras Públicas, Senhor Engenheiro Arantes e Oliveira, resolveu colocar à nossa disposição no ano corrente a soma de quinhentos contos para continuarmos. Isto vem para dizer que sacerdotes e vicentinos interessados na Obra, podem contar doravante e até ao fim do ano com cinco contos por cada residência. Simplesmente animador! É uma participação que exci-

ta e incita. Podemos dizer que chegou a hora dos vicentinos. Eles podem fornecer a cada um dos seus pobres, habitação adequada. A medida que cresce em fervor, vem Deus e coloca no seu caminho o remédio. Se formos além das cem casas previstas e venhamos a pedir ao Ministro mais outros quinhentos, nisto somente se prova que existem bons vicentinos em Portugal. Evidentemente que não vamos dar à toa a soma de cada casa. Não o podemos fazer. O dinheiro não é nosso. Cada pároco comunicanos quantas e aonde. Nós vamos verificar ou pedimos que o façam e só depois é que se remete o dinheiro. Ninguém se melindre. Não tomem a mal. É preciso assim.

Também não será acertado

(Continua na terceira página)



TRIBUNA DE COIMBRA

Ela já há dias me não aparecia. Foi a primeira pobre que me apareceu nesta vida que agora tenho, e por isso me fazia falta. Fui em sua procura. Era dia de chuva forte. Bati a várias portas e por fim uma velhinha soube-me informar: *olhe deu lhe um ataque nas escadas e foi morrer ao hospital.*

Calei-me. Fiquei ferido intimamente e comeci a rezar. Sou testemunha fiel da parte da vida dolorosa daquela mulher. No tempo em que viveu com o marido, viveram bem. Ele adoeceu e esteve assim muito tempo e gastaram o que tinham. Com a morte dele, ela ficou sòmente com algumas roupinhas e mobília e com muitas doenças no corpo. Mal se podia arrastar e ia com um cestinho vender bananas pelas portas e quando chegava a doze, já vinha radiante. Era uma Pobre envergonhada; quem não a conhecia, ficava sem a conhecer. Viveu bastante tempo sòzinho num sótão dum quarto andar. Passou ali tantos dias sem comer e naquele abandono!...

Vamos continuar a contemplar os presentes que acompanharam o Menino Jesus até nossa Casa:

Uma peça de riscado da Sociedade de Fazendas; cintos e peugas, no Porfírio Delgado; 250\$00 no Grémio de Panificação; 500\$00 do Banco de Portugal; 100\$00 da Farmácia Normal de Lisboa; uma peça de Fazenda na Covilhã a um vendedor de «O Gaiato» e sapatos

Não é tanto por economia como paixão, que temos intensificado a cultura do linho nos campos da nossa aldeia. O povo do engenho aonde ele se vai moer, diz à boca cheia que é mais o nosso, do que o de toda a freguesia! É a roca. E a paixão da roca que nos leva a estes nadas. Na verdade, mantemos aqui e nas redondezas um grupo de fiandeiras. As vezes, atravesso e oiço o contrato com a senhora da cozinha. Ela explica. Vai buscar obra de outras e mostra. *Sim minha senhora eu não tenho medo.* Aqui não há altivez; é sinceridade. Se não melhor, com aquele *não tenho medo* a fiandeira significa que produz igual.

Estas mulheres do nosso povo são alma de tradições e modelos de honestidade. Só deixam cair as arestas. De resto, tanto levam

quanto trazem. Elas conservam, resistem, vencem — depósitos vivos de virtudes cristãs! É preciso ajudá-las.

A paga é tudo. A preferência que temos sobre todos quantos dão meadas a fiar, está justamente na paga. Porque? Porque lhes não damos dinheiro e os mais sim. Ressuscitamos o antigo. Vamos também às tradições; meia raza de milho, um cabo de cebolas, um selamim de feijões, uma adubadela e broa cozida. Damos do que é nosso. Do que faz a nossa fartura. O dinheiro não presta. O açafate que trouxe a obra leva mais obra e esta riqueza. Corre a palavra. Acodem outras fiandeiras. Nós temos muitíssimas meadas. Podemos encher açafates, manter costumes de antes, distribuir riquezas altas, chamar sobre nós as vistas de Deus mai-la benção dos humildes. Segundo a medida que lhes fizermos, assim Deus a nós. Isto é exacto. É eterno.

A seguir, viramos a página e temos outro poema; são as tecedeiras. Dizem que eu sou poeta. Bem o quisera ser para cantar e espalhar a glória das coisas pequeninas!

Nas fábricas de muito ruído, segundo oiço dizer, é uma mulher para quatro teares. Chamam-lhe tecedeira e à obra tecelagem, mas não é uma coisa nem outra. É uma testemunha do poder e da desgraça... da máquina e mais nada. Na tecedeira deste nosso linho há em primeiro lugar e acima de tudo o amor. É uma para cada tear e toda e sempre no mesmo tear. Tudo quanto ela é vai na teia, tanto assim, que os entendidos, à vista da obra, dizem logo o seu nome. Nós temos aqui em casa peças de linho tecido. Temos muitas, queremos mais. É trabalho de esmalte. É fiança da tradição. Se deixarmos morrer a tecedeira, é sinal de que já não temos vida.

Herdeiras de tradições, usam palavras e termos que a Fábrica não conhece. O ramo e a vara são medidas de superfície: uma teia de tantos ramos, cada ramo quatro varas. O preço incide aqui. É à vara. *Eu peço na resão.* Foi assim que disse uma tecedeira, quando alguém lhe perguntou. Aquilo foi puxado de dentro. Tendo de comer e de vestir, estas mulheres de poalha e arestas não precisam de mais nada. *Nós pedimos na resão.*

Não sei o tempo que Deus me dará. Só Ele escolhe. Mas enquanto eu fôr, hão-de ser campos de linho e rocas das fiandeiras e a pancada da tecedeira a dizer ao mundo novo que o Velho ainda é.

Padre Horácio

Do que nós necessitamos



Aqui, LISBOA!

Não sei se os senhores já notaram que texto e epígrafe não condizem porquanto, quem ler, fica sabendo o que nós recebemos parecendo, por isso, que de nada necessitamos. Assim se começou e assim se continua. De resto, na verdade, todos nós necessitamos de ler e meditar as linhas desta coluna. Aqui vai uma carta:

«Cheias de gratidão para com Deus e com muita alegria, enviamos a importância de 387\$80, relativa aos nossos aumentos na nova categoria.

Trabalhamos, esforçamo-nos, cansamo-nos muito para conseguirmos a aprovação no concurso de promoção—não houve «cunhas» — mas graças a Deus vimos compensados os nossos esforços.

Pena foi que nem todos os colegas tivessem a mesma sorte. Muitos dos que não venceram, também, como nós, trabalharam, cansaram-se, gastaram tempo e dinheiro com os estudos. Para esses, foi muito doloroso o resultado. E nós, também isso nos custou.»

A razão de ser de tanto equilíbrio reside totalmente naquele cheias de gratidão para com Deus. Esta maravilhosa atitude interior é responsável pela pena que seus colegas não tivessem tido a mesma sorte; e chamam *doloroso* ao resultado deles, pelo que muito se doeram. Eis aqui um compêndio de verdadeira caridade: sofrer e tomar como suas as penas do nosso semelhante. Alegria-se e tomar como nossas as suas alegrias. Não há outra regra.

Depois desta vamos a outra carta:

«Eu encontrando-me sem trabalho há cerca de cinco anos, e tendo feito a promessa de quando trabalhasse o primeiro dinheiro que eu ganhasse seria para a Casa do Gaiato, chegando agora felizmente a ocasião de eu me empregar, e ganhando 180\$00 por semana, junto a esta os envio como cumprimento do meu dever.»

Aqui o heroísmo. Há mesmo, parece, um bocadinho de desequilíbrio; um homem desempregado por tanto tempo e faz entrega da primeira semana! Nenhum de nós seria capaz de ir tão longe. Eu pasmo. A gente nunca se acostuma a estas fortes emoções. Mais 50\$ de Faro. Mais outro tanto de R. D. Ainda o mesmo de Linda-a-Pastora. Quem sai de Lisboa a caminho de Cascais, pela serra de Monsanto, vê este nome numa placa da estrada. Linda-a-Pastora! Se não fosse o tempo que nos falta eu havia de investigar as origens. Fico preso a este nome. Gostaria de viver naquela terra. Desejo um mar de venturas a todos os seus habitantes. Linda-a-Pastora! Será tudo como eu sonho? Ruas cheias de sol, casas muito branquinhas, corações limpos, muitas flores, muita água, muitas crianças — tudo lindo. Será tudo como eu sonho? Mais 50\$ de Valbom. Mais 1.000\$ do Porto, da Shell Portuguesa. Mais 70\$ de algures. Mais 400 angolares do assinante 30.682. Mais 30\$ de Lisboa. Aqui se responde a Newark, América do Norte a dizer que sim senhor. Cumpriu-se inteiramente.

Mais 20\$ de Lisboa. Mais 100\$ do Porto. Mais 100\$ da casa de S. Mamede. Cá andam os 100\$ para a viúva da Nota da Quinsena. Vai para três anos e este senhor ainda não desanimou! Não tem secretários. Não manda. É ele mesmo. Conhece-se pela letra. Que grande persistência! Eu cá tenho para mim que é por amor destes altos valores, que Deus tem mão. Que Deus nos poupa e espera. Mais de Negrelos, 200\$ do primeiro aumento por uma subida de categoria. Quer dizer, deu tudo! Mais valores no turbilhão do mundo. Eles confessam; são confessores de Cristo Jesus. Confessam o valor dos sacramentos. A Ressurreição. A Presença. Tudo. Mais de Dundo um donativo de 100\$. Mais 600\$ depositados no Banco. Mais 500\$ de Leiria. Mais 200\$ de Vila Nova de Gaia. Mais roupas da Beira — Manga. Mais 800\$ colhidos num jantar de homenagem, no «Lidador». Está em causa o senhor doutor José Simões da D. K. W.

(Cont. na terceira página)

Tudo é possível nesta majestosa rainha do Tejo! Todas as iniciativas, ideias geniais, empreendimentos audazes conseguem triunfo rápido e duradouro.

Estádios em série, cinemas monumentais, matadouro, arranha-céus, expoentes de técnica — tudo possível. Planeiam-se pontes por baixo e por cima do Tejo, metropolitanos, auto-estradas, etc., pois tudo é possível.

Fazem-se fortunas de cascas d'alhos, de farrapos sujos, de ferro velho, de renda de tугúrios, já não se diz dos tostões das caixas nem dos cheques dos bancos — que tudo é possível.

Vem agora nos jornais de sexta-feira, mais a notícia dum projecto notável: um Hospital-Asilo para os nossos irmãos caninos, como diria o seráfico S. Francisco. Estão feitos os planos, não faltará dinheiro nem aprovação favorável do pelouro. E porque não? Se já todos estão servidos...

Mas falemos a sério: muito se tem progredido desde há meia dúzia de anos para cá. Quem diria

que a subscrição para o «Bairro Cardeal Cerejeira» atingiria, em pouco tempo, a cifra de dois mil contos? E que o apelo do Prelado de Beja para o «Bairro da Imaculada Conceição», teria logo a garantia de mil contos?

O Hospital Escolar é uma realidade! Com uma penada foi também possível recolher nos sanatórios perto de mil tuberculosos e por aí adiante. Coisas novas em Portugal!

Naquela hoje tão movimentada e nobre Vila de Cascais, eu preguei, há dois anos, a cobra que atacava as crianças duma barraca. Estavam reis, condes e banqueiros. O sacrifício que fiz, só Deus o conhece; o proveito achei-o bem mesquinho. Um senhor vem à sacristia protestar contra a dureza do Evangelho. Só me valeu não ter sido eu a escrevê-lo. Senti naquela hora a dor do Mestre, no Pretório. Não sacudi o pó porque muitos me receberam como cristãos, inclusive aquela mulher do povo que se ajoelhou a meus pés a agradecer a defesa dos Pobres e a pedir que esperasse enquanto ia a casa buscar a sua fortuna, voltando pouco depois com 20 escudos.

Sei agora que não foi inútil o sacrifício. A Câmara local acaba de oferecer terreno, alguns abonados deram três casas, um Rei ofereceu mais a «Casa da Princesa Noiva» e um banqueiro (que Deus lhe fale na alma) entregou no Paço, um milhão!!! Coisas novas em Portugal!

E cá ando outra vez por Lisboa, este ano pelas igrejas pequenas. Assunto: o engraxador!

Mora pela Rua do Capelão, ali na Mouraria dos Mouros. Só o nome foi baptizado; o resto está todo como *in illo tempore*. A casa não tem janelas nem marquises, nem varandas, nem panorama, nem trazeira. Enfia para debaixo do Castelo.

Aquela hora estava a família toda. A porta por onde tudo entra: luz, ar, filhos e bichos, abre-se com dificuldade porque a mesa ocupa todo o espaço. Nela a primeira série de quatro filhos. (Vai por séries como nos rápidos.) Em cima da mesa um prato de sopa de feijão mal cozido com alguns canudos de massa.

— Então o feijão está tão duro?

— Acabou-se o petróleo...

Para conduto apenas um naco de requeijão branco de cabra, sem pão. Uma vizinha que na altura ouviu chorar por pão, desceu com uma pequena fatia dele.

Vem depois a segunda e terceira série. A quarta é constituída pelos pais e pelos de colo incluindo os dois gémeos que irão nascer brevemente e, se assim fôr, ficarão os quinze filhos a clamar ao mundo o egoísmo deste século.

O compartimento onde dormem todos, é uma amálgama de cestos, camas e farrapos. Luz, só a do candieiro. Lá debaixo sai um rafeirito a rosar. A mãe explica: se não fosse este animalzinho já os meus filhos teriam sido todos comidos pelos ratos.

Ora aqui está um benfeitor para quem proponho o segundo lugar no Hospital-Asilo canino. O primeiro pedia-o para um triste tinto e pelado que há dias to-

(Continua na 1.ª coluna da página seguinte)

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

UM PROBLEMA NACIONAL—De quando em vez, aparecem na imprensa leves comentários à situação com que se debate o Homem da Enxada. Sim; o simples Jornaleiro que de manhã, antes do sol raiar, deixa em casa seu rancho — na maioria numeroso — e vai pelos campos do patrão semear o pão que todos alimentam.

O problema é de tal magnitude que responsáveis pela Coisa Pública e outros de mais ou menos responsabilidade social reconhecem, já, a inadiável necessidade de o enfrentar.

Nós, vicentinos, que dedicamos uma pequenina parte da nossa vida aos que sofrem, podemos afirmar, também, que o caso requiere interesse e solução.

Quantos rurais nos procuram para lhes ajudarmos a sarar feridas; quantos?! Auxiliamos alguns, consoante as nossas posses.

Se olharmos para a desproporção da magra jorna em relação, em muitos casos, à sua numerosa prole, nem é bom falar! Falta aqui um abono. Diríamos melhor, um Salário Familiar—o alicerce. Base indispensável duma vida sã, para a Família.

Ora, com o baixo poder de compra e ausência de benefícios de caixas, não se duvide da crescente emigração para as cidades. Nestas, se indagarmos a procedência de muitos habitantes dos *barredos*, a confirmação é um facto.

Quanto a Fé, a gente das aldeias ainda dá cartas, graças a Deus. Daí a sua resignação.

Sabemos de Casas do Povo disseminadas por muitas aldeias de Portugal. Que um dos seus objectivos é a Assistência e Seguro Social. Então, que se espalhem. Que sejam uma realidade. Que distribuam vida e alegria pelos camponeses. Que elas sejam a sua Força. Que se aperfeiçoem. Para que Jornaleiro doente, haja quem cure. Velho, quem dê reforma. Assim, venceríamos uma das maio-

res batalhas para um Portugal melhor, porque mais Cristão. Mãos à obra.

De Alenquer, Manuel Veiga, paga a assinatura e o que crescer será para a Conferência. E cresceram 20\$, que vão aqui na ponta da unha. Viana do Castelo, Manuel Rebelo da Cruz, para a vossa obra vicentina, 20\$. Outro tanto de Maria Emília Mendes, do Porto. E mais os 5\$ do costume, de *Uma Maria*, entregues no Espelho da Moda. Da Régua, o assinante 26,342 com 50\$. E mais 40\$ da assinante 17,022. Ana de Figueiredo, 30\$00 para os vossos pobres. Da Rua de Santa Catarina 1274, do Porto, 20\$. Acho que assim está bem... O assinante 13,305 paga a assinatura e 10\$00 para os vicentinos. E mais remanescentes: como crescem 25\$ peço que sejam entregues aos pobres da Conferência da Casa Mãe. É o assinante 6,544, de Ovar. Envidos, assinante 13,384, com 20\$. Assinante 19,755, do Porto, diz que o excedente (Esc. 10\$00) é para os Pobres protegidos pela vossa Conferência. Quem dera que todos os assinantes, quando se lembrem de pôr em dia as contas do jornal, mandem uma notinha a mais para os nossos Pobres. Muitos já fazem assim, há anos. Porque não outros e outros? Vamos a isso! E, nesta ordem de ideias, Maria Shiapa, de Santarém, diz numa carta: o que sobrar é para a Conferência, 20\$. Não exageramos em dizer que a quase totalidade das ofertas aqui registadas são sobras do pagamento da assinatura do jornal. Uma assinante de Negrelos com outro tanto. Artur Amaral de Espinho, também diz que o restante é para a Obra Vicentina da Casa do Gaiato. E o restante são 40\$. Mais uma carta tarjada, de Lamego, com 20\$. Mais 10\$ de S. Pedro do Sul e o mesmo de Maria da Conceição, assinante 12 960. E acabou. A todos, um muito obrigado.

Julio Mendes

AGORA

O aráuto de hoje é feito de um grupo de Empregados da Companhia dos Telefones de Lisboa, com a importância de 375\$00, à qual chamam modesta contribuição para a casa que pensamos oferecer. A julgar pelo tamanho da Companhia, deve tratar-se de um grande número de empregados. É preciso que seja um. Um persistente. Teimoso. Impertinente e isto tudo até ao fim. Se se juntam todos, não fazem nada. Não teremos nunca a desejada moradia. Não se salvam. Porque? Porque muitos e juntos. Ficamos à espera. O do tabaco torna com 20\$00. Eis aqui um impertinente. Ora agora queiram fazer o obéquo de dar espaço. São os marinheiros do navio Hidrográfico Carvalho Araújo. Vêm de Luanda. O barco está em Luanda. Deixaram lá ficar sete mil angolares depositados no Banco de Angola e estão aqui a dizer a toda a gente que também eles, marinheiros, desejam ter o seu nome no Património dos Pobres, pois que já antes tinham dado cinco contos. Será Casa da Guarnição

ATENÇÃO

Recomendamos aos leitores que não sendo ainda assinantes da nossa Editorial, comuniquem sem perda de tempo, se estão interessados na aquisição do livro «Viagens», ora no prelo. Basta um simples postal.

Do que nós necessitamos cont. da página anterior

Não sei se antes se depois se aos brindes. Alguém com certeza se levantou, andou em roda e *acaçou*. Boa sorte a todos. Mais 100\$ do Porto. Mais idem, de Vila Salazar. Mais 50\$ de Leopoldville. Mais de uma mulher, 50\$ para a sopa de um pobre; um senhor pode mandar mais. Mais 60\$ de Matuzinhos do primeiro aumento. Mais 50\$ de Cinfães. Outro tanto de Tomar. O dobro de Nisa. De Lisboa 150\$, que recebi de um aumento. Que força a destes aumentos. Quanto não aumentam eles a vida de quem oferecel Se ele é verdade que o Apóstolo diz sem desculpa, todos os que não querem conhecer Deus à vista das coisas da natureza, como hão-de ser julgados os que ateiam em não conhecer, à vista destas singelas e quase apagadas grandezas da alma! O meu primeiro aumento. Mais 100\$ da Covilhã. Mais 75\$ da Senhora da Hora. Mais 50\$ de Lisboa. Mais 100\$00 de Vila Nova de Gaia. Mais 20\$.

Recebemos uma data de pares de calçado «Gaiato», que andam nos pés de gaiatos, aos domingos. É uma nova marca. Que tenha muita safda, é o nosso maior desejo.

pei a penar, numa montureira da Curraleira, junto da Rua Barão Sabrosa.

Pergunto pela saúde dos pequenos. Este, aquele, aquele e eu, diz a mãe, temos sombras nos pulmões. Tudo é possível em Lisboa! Para o heróico engraxador eu receitava imediatamente uma casa do Património, mas, infelizmente... só isso não é possível em Lisboa.

PADRE ADRIANO

do navio Hidrográfico Carvalho Araújo. Ora os senhores deixem passar. Vai aqui um Licenciado com 20\$, da Póvoa de Varzim. Aí vem Venezuela. Muito se fala desta capital. Muitos procuram-na. Ali é tudo petróleo. Pois um nosso compatriota, paga a sua assinatura com trinta dólares e quer ir na procissão. Sim Senhor. Outros. Muitos. Todos. Não falta aqui lugar. Mais um Licenciado com 50\$00. É de Viseu. Uma telha do Faial de 25\$. E da Ilha da Madeira um médico manda 500\$ para uma fechadura. Mais espaço por favor. A casa vai-se chamar — Oferta do Pessoal da Shell portuguesa «filial do Porto». Com esta prestação de 9.064\$00, a segunda e última, ficamos em 16.366\$50. Vai ser uma tal casa. Fica no Bairro D. António Barroso. Quando for a entrega, apita-se para que ninguém fique em casa. Também temos uns zuns-zuns da Direcção, mas por enquanto nada de concreto. Até ver, vai andando o carro adiante dos bois, que é hoje uma anomalia muito em voga na qual não se tem feito caso. Outra vez mais espaço. A procissão desta quinzena é de confrarias. Aqui vai a Chenop. Eles já vão em 9.060\$00 e hoje conseguiram mais 560 deles. Esta tem sido de todas a casa mais esmagada. Grande persistência a do funcionário que se tem proposto desde o princípio bater à porta de cada um dos seus colegas! Como Deus o não há-de amar! Outra vez um professor oficial de Proença, 500\$ em seu nome e doutros. Agora e logo, recebemos cartas de mais professores com palavras e migalhas de entusiasmo inexcelsível. Finalmente, notamos que anda em a Escola Portuguesa um apelo colectivo para uma casa do Património, tendo-se formado para isso, uma comissão. Vamos ter uma casa. Ninguém duvide. Aparecem outros alvitres cheios de beleza. Esta obra dos Pobres tem posto à prova os corações de Portugal! Eu pasmo de como escrevem e do que dizem. Uma dona de casa manda vintens e pede para que eu lance a ideia da casa das suas colegas. Que maravilha! Poupar para dar. Nunca se viu tal em terra de portugueses! Mais. Um combatente de Vila do Porto manda 100\$ e pede que a futura Casa dos Combatentes da Grande Guerra, seja para um Combatente. Há tantos em precárias circunstâncias, diz ele. Pois há. Há sim senhor. Nós temos aqui um que andava a pedir pelas portas, sem uma perna. Oh Tropol O que importa é ser prestável e oportuno. Se vierem outros e a gente possa, mais combatentes, com pernas ou sem elas.

Ao termos já feito a curva para recolher, eis que nos surge alguém a fazer questão de entrar. Pela distância, pela boa vontade, por tudo, dissemos que sim e ele aqui vai:

«Acabo de constituir uma sociedade e a primeira acta lavrada em assembleia geral resolveu oferecer para o Património dos Pobres o primeiro rendimento que entrasse em caixa. E nesta conformidade hoje tenho o prazer de lhe incluir um cheque de 14.950\$ para casas dos pobres, sendo este o primeiro lançamento na escrita das despesas da Sociedade e fica com o número um de safda, para

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DE LISBOA Amigos e caros leitores. Venho-vos dar algumas notícias do nosso Lar. Em primeiro lugar são as da escola. Eu e o Martins vamos indo menos mal, as notas não são de espantar, mas também não são más. Precisávamos que os nossos leitores nos mandassem um Atlas, pois a Geografia custa muito a estudar sem terras à vista. Cá ficamos à espera.

—Aproveito esta crónica para agradecer as pastas que nos mandaram. Só agora o faço, mas é que já escrevi uma outra crónica mas como chegou muito tarde à Tipografia não pôde ser publicada. Mais vale tarde do que nunca.

Já agora todos queremos agradecer a uma Senhora que se lembrou, que nós estávamos a precisar de uma telefonia e veio logo cá trazer uma. Bem haja.

—Estamos na época do Carnaval e as partidinhas que fazemos uns aos outros aqui no Lar têm sido bastantes. O infeliz desta vez foi o «Girafa» (O da cerveja dum outra crónica. Quem tiver a colecção do «Famoso» pode ir ver) que deixou o casaco sobre uma cadeira e nós fomos por trás e atamos as mangas. Ele não reparou e vestiu-o. Como tivesse enfiado as duas mangas ao mesmo tempo, foi um fartote de rir, para o ver depois despir o casaco.

E assim entre o dever e a brincadeira vamos passando os dias da nossa vida. Estudamos, trabalhamos, cumprimos todos os nossos deveres e nas horas vagas divertimo-nos.

Conferência—Julgo que é de todas as conferências a constante falta de dinheiro

Para não fugir à regra, informo os nossos caros leitores de que a nossa sofre do mesmo mal. O pobres precisam sempre mas é de justiça e da obrigação cristã que se não falhe com esmola. E aonde se há-de ir buscar o dinheiro? Faço interrogação mas os nossos leitores sabem muito bem onde o havemos de ir buscar. Aos vossos sobejos. Não pedimos mais, bastam-nos. Se nos derem esses sobejos, temos as contas certas; se não, estamos em dívida. Tivemos que admitir mais dois pobres em virtude da situação aflitiva em que se encontram e o dinheiro é o mesmo. Não podemos resolver a situação desses dois pobres mas tentamos atenuá-la um pouco. Um desses pobres vive num segundo andar dum baúca aonde paga renda, a qual é a neta que a arranja a vender alfinetes e esticadores. O outro é um engraxador que tem treze filhos e a mulher está em vésperas de outro e toda esta gente vive num buraco. Nem os nossos leitores calculam as condições de vida desta gente. Só vendo. Cá ficamos pois à espera das vossas sobras.

Agradeço a duas pessoas que nos enviaram 100\$00 cada. Souberam-nos tão bem! Mas aonde já vão eles? A uma senhora que nos entregou à porta 20\$00 muito obrigado. Louvado seja Deus.

Acabo agradecendo a todos a atenção que prestaram ao escrito e peço que se não esqueçam de nós nem da Conferência.

José Jesus Castilho

TOJAL —No dia 6 do mês corrente, esteve junto de nós a J. O. C. da Penha de França. É uma alegria para malta quando cá tem camaradas desta massa

As três horas e 30 minutos disputou-se um pequeno desafio.

O Natalino que é o capitão da nossa equipa relata-nos o seguinte: À primeira parte estavam a ganhar por 1-0. Na segunda parte após alguns minutos de jogo a J. O. C. fez o empate. Nós depois começamos com grandes avançadas, marcamos a 2.ª bola e depois a

que sempre possa ser visto pelos que me hão de suceder e queiram continuar o exemplo que lhe fica. Desejo a placa: «Amái o próximo».

Não há hoje ninguém em Portugal que, podendo, seja capaz de ficar indiferente a estes ensinamentos, a menos que traga em si a morte!

Acabo de saber e dou a notícia deliciosa de uma procissão que se anda a organizar nas Águas e Saneamento da Câmara do Porto. Já sabemos da do Gás e Electricidade. Vai ser aqui o fim do mundo, se ambos se vêm a juntar!

A das Águas é superintendida por um alto funcionário, que «derramou» o Pessoal e todos os meses recolhe. Vi casualmente o cartãozinho de um «derramado»; —2\$50. É o mais baixo. Daqui sobe, consoante a categoria. Perguntando, soube que não senhor. Nenhum bufa, todos suspiram.

terceira. Assim terminou o encontro com a vitória de três bolas a uma.

Antes de se retirarem, fizeram uma pequena recita, com cantares, poesias e discursos com palmas e vivas, que era um nunca acabar.

—Nós agora todos os domingos apresentamos um programa, das 20 às 21 horas, intitulado: «Serão para os gaiatos».

Nesta última semana, foi apresentado: um discurso, um coro ensaiado pelo Américo, poesias e duas peças de teatro ensaiadas pelo José Soares.

Foi o Óscar, chefe do Casal Agrícola, que discursou sobre «A Missão do Chefe».

«Caros colegas. Estou aqui diante de todos não para vir pregar nenhum sermão, nem para explicar alguma coisa de que às vezes se esquecem.

Todos sabem que a Obra é de rapazes, para rapazes, por isso é preciso que haja um a quem os nossos superiores depositem confiança ou seja o chefe. É o chefe quem mais responsabilidades tem, porque é o representante do Pai desta grande Obra—a Casa do Gaiato Por isso todos nós devíamos ser respeitadores para com ele.

Há uns que não querem saber do que se

(Continua na quarta página)

Património dos Pobres

(Cont. da primeira página)

que cada um desate a construir segundo o seu parecer. Por isso mesmo, esperamos a toda a hora a remessa de planos de quatro modelos, superiormente aprovados de forma que, com o modelo dos estatutos enviaremos juntamente o modelo das casas. Recapitulando: personalidade jurídica garantida. Planta uniforme e económica. Cinco continhos por casa. Nada mais fácil nem mais breve. O mínimo de burocracia chama pelo máximo de trabalho. A inversa também é verdadeira... E vamos prás mil.

Sem sairmos da epígrafe e porque nela nos ocupamos de vicentinos, vamos a mais vicentinos. Não é a ocasião que faz o homem, mas ajuda; o Património dos Pobres, tem ajudado a fazer vicentinos. São precisos mais, muitos e sempre melhores. Vicentino é o homem de vida interior, que procura o estado de graça para bem cuidar do seu Pobre. Ele conhece-o à luz de Cristo. Julga-o pelos ensinamentos de Cristo Sabe quanto o Mestre fez e disse. Tem por presentes as Suas recomendações. O vicentino é o homem por quem se espera.

Exemplo. Era no átrio de um hospital. Duas mulheres choram. Tinham recebido ordens para conduzir à choupana um seu doente. Razões? A leil Nisto aparece um vicentino. Toma conhecimento. Sem se impor, põe os princípios da Lei Divina. Para encurtar, basta saber-se que as duas mulheres regressaram e o doente ficou. Uma presença! Armas? A Caridade. Com esta força têm eles a palavra. Não há bem que não possam cometer. Batalha que não seja deles.

Tenho ouv do dizer que são vicentinos alguns deputados que erguem a voz na Assembleia Nacional; vicentinos que nas piróquias afoitam e tomam decisões; vicentinos que lançam as primeiras pedras e colocam o ramo sobre casas feitas; vicentinos que vestem e revestem e alimentam e educam seus moradores. Eles são os mensageiros de uma Ressurreição. Eu estou inteiramente com eles. Ao lado deles. Quero ser um deles. E desta sorte, cor unum, vamos aos Pobres.

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Fora só a história destas três crianças e estava amplamente justificada a existência do Albergue Distrital da Polícia de Segurança Pública do Porto; todos os Albergues da Polícia. Ficaram orfãos de mãe. O pai é pedreiro assenta-



O Nequita, o Luis, o Adolfo... e o Marão.

dor. Como ninguém se chegasse, ele viu-se na necessidade de entregar os filhos e dirige-se ao senhor Tenente Rangel. Ele estava em casa. O senhor Tenente Rangel, por sua vez, dirige-se a nós e também nos encontrou em casa. Está amplamente justificada a existência da Casa do Gaiato de Paço de Sousa; todas as Casas do Caiato!

Isto foi há uns dois anos. O mais pequeno do grupo, era então muito mais pequenino. Ele é o sorriso da nossa aldeia. Não fala, não olha, não nada que não sorria! É o Nequita da Lenha. Apenas tenha idade, há-de ir vender, para que o Porto o cubra de beijos! O pai pediu-nos e, contra os nossos costumes, deixamos que fossem ao Natal. Veio aqui por eles e no dia do regresso levá-os ao comboio, avisa, recomenda, explica e despede-se. São três homens. Podem viajar sozinho. Vieram cá ter.

Deu-me desejos de ver e ouvir este homem, já que antes o não fizera. Pedi ao Adolfo para o convidar. O Adolfo é o mais velho. Tinha 11 anos quando fez a 4.ª classe e ficou distinto! É tipógrafo compositor.

Ele aí vem. Foi um domingo. Comeu à nossa mesa com os três em redor. O pai! As horas vem-se despedir, e quer pedir-me um favor. O Adolfo. É o mais velho dos três. Quando ele fizer 14 anos deixe-me vir buscá-lo.

Eram ali duas paternidades; a do sangue e a do espírito. Ambos queríamos o orfão se bem que por razões diferentes. Distinto aos 11 anos. Aplicadíssimo no trabalho. Tantas possibilidades... Mas ele não. É pra me fazer companhia. Eu falo a um emprego. Faço o comersinho e satmos de casa cada um com sua lancheira na mão.

Aqui tornei a objectar. Um pedreiro não está naturalmente à altura destas voltas. Mas ele torna. Eu aprendi de tudo depois que perdi a mulher. Sei cosinhar.

O Adolfo estava ao pé. Os outros um nadinha mais longe. Com receio de eu dizer que não, oiço com firmeza: olhe que eu até sei fazer café. O que menos custa e o que melhor lhe sabe.

Adolfo faz 14 anos no próximo Agosto. Sim; venha buscar, disse. Ganhou o sangue!

Ora esta longa história, rara,

infelizmente, na criança dos Albergues, devia ser o modelo de todas. Temos aqui a justiça de braço dado com a caridade. Esta supre, enquanto o pai legítimo não pode. É uma ajuda salutar, cheia de préstimo e compensadora. Mas quê? Quantos casos assim? Vai fazer doze anos que estamos aqui. Pois bem; de um milhar de rapazes, nunca tivemos uma tal formosura! O mais é sujo.

*** Com o inverno que tivemos este ano, tornou-se em lago a pedreira que existe por detrás da casa quatro. Tal a extensão e profundidade, que não faltaram esboças dos carpinteiros para um escaler; mas eu puz-me ao alto. Estes desistiram, porém os mais pequenos fizeram jangadas e com elas, aos domingos e horas de recreio, vendem alegria às braçadas. Ora acontece que estão hoje a cargo do Formiga muitos patos e muitos gansos, os quais meteram-se no dito lago e nunca mais de lá saíram. Formiga dirige-se às margens com tabuleiros de couves e farelo e os gansos não fazem caso. Chama e eles não ouvem. Até os ovos. Correu boato que as patas deixavam-nos cair no fundo do lago. Aparecem mergulhadores. O Gaia foi o mais importante. Enfia uns calções e atira-se para a água gelada sem medo de gelar!

Formiga começa a impacientar-se. Não atina. Não são hoje dele os patos e gansos que sempre o foram! Nem meiguices, nem tabuleiros de farelo, nem nada. Foi então que no domingo passado um grupo de amigos do Formiga, munidos de pau e canas, fizeram uma tourada e os patos assustados, saíram pelo lago fora. Era isto mesmo que ele pretendia. Hoje tem-nos na capoeira. Não sei se Formiga aprendeu a lição dos bípedes; não sei. Mas eles disseram que todo o animal procura e gosta do seu elemento. Ele mesmo Formiga, que não é todo animal, já há muito que teria fugido se não encontrasse aqui o seu elemento. Como ele, os outros.

*** Ontem olho e dou com quatro pavões numa das capoeiras. Nós já cá tivemos disso e eu sei quanto sofreu por causa deles. Agora vejo aqui mais. Não são os mesmos, mas são pavões. Eu cá não perguntei nada nem quero saber de onde, como e de quem. Temos cá o senhor padre Carlos. Ele terá ocasião de ver coisas mui bonitas. É preciso que ele saiba de tudo pra vir a ser um mestre qualificado.

*** Salta Pocinhas entrou hoje na capela com um sapato debaixo do braço e outro sapato enfiado num pé. Não foi preciso mais nada pra todos ficarmos a saber que se trata de uma criada! Ora acontece que Salta Pocinhas tem sido visto na cozinha. É à beira do fogão, sentado num banco. Perguntei e é assim: Salta Pocinhas chora muito com dores enquanto há o perigo de o mandarem para o Sejaquim e apenas lhe parece ter passado a hora perigosa, também lhe passam as dores e ele fica todo o dia à beira do fogão. Se ele tivesse pais e estivesse em sua casa, as coisas eram assim. Por consequência, a nossa Obra responde e é exacta.

*** Hoje esperei muito tempo e fui muito mal servido à hora do jantar. Antoninho trouxe-me o caldo na panel. do costume, mas esqueceu-se do prato e da colher. Era um passarinho. Ele achou-o a tiritar. Faz-lhe um ninho no quente da sua mão e é assim que me vem mostrar o precioso achado, bico a sair dos dedos — olhe ele.

Sentei-me à mesa. O sol entrava pela janela. Antoninho coloca o seu amor naquela parte da mesa aonde ele dava mais forte e sem notar a falta do prato e da colher, foi ao cozinheiro pedir o resto. Regressa. Tão alheio quão cheio, coloca o prato à minha frente e vai direitinho ao seu amor. Beija. Bafeija. É o passarinho. Ele pretende salvá-lo pelo calor do sol. Eu ia comendo. Os dois eramos ali um mundo embebido. Pudera queixar-me das faltas daquela hora, mas essa seria a minha maior falta. O Anoninho estava cumprindo a sua obrigação. A pequenina ave tinha fome e tinha frio.

*** O Botas respondeu e foi condenado. Senhor padre Carlos foi ao tribunal. Era ali um acusador benigno e pediu ao Juiz que fosse uma pena mais de recuperação do que punição. O Senhor Doutor Juiz gostou da presença e das palavras do acusador, sim, mas a Justiça tem seus direitos.

Nós não podemos pedir nem o Juiz perdoar. Que isto sirva de lição!

*** A senhora da cozinha deu em ir às praças do Bom Sucesso e do Bolhão por obras, e não tem perdido o tempo. Costuma levar dois rapazes dos mais sólidos e lá vão

todos, furgoneta também. Ontem foi o dia. Era noite quando chegaram. Na cozinha, praça das discórdias, o barulho passou das marcais. Imediatamente a seguir, vem um grupo escadas acima para que eu visse. Era uma enguia. Uma enguia viva e aqui é que estava o barulho. Tanto peixe, tanta carne, hortaliça, pão cozido, — um mundo, sim, mas de coisas mortas. Não interessava.

É por isso que o Caracas, tendo sido nomeado por companheiro e senhora na última visita ao Bairro, todo o caminho a fritou; — me um boneco que mexa.

Eis aqui o segredo das nossas Comunidades; mexer e deixar mexer. Se não a vida, ao menos o movimento. É ele que prende. Toda a inquietação do homem é não ter em si a vida. Não a compreender. Desejá-la. A isto mesmo tendemos e só nisto reparamos. A Vida Eterna é justamente o saçar.

*** Mais uma queixa que venho aqui fazer do meu refeitório. Chegam as horas e ele não me vem chamar. Estão já todos à mesa e eu não. Desço as escadas a procurar razões e dou com o Antoninho debilhado. Soluçava. Foi um puxão de orelhas da senhora. Assim se explicou, mal me vê ao pé. E nesse dia fiquei mal servido.

Quando pela idade e trabalho eu merecia tratos especiais, não senhor. Não tenho nada. É comida sem sal. É dela com sal a mais. É vinho branco por tinto e dito por branco. É café por cevada. O chá das cinco, — nem digo! O bule não tem bico. E mais e mais e mais.

Pelas Casas do Gaiato

Continuação da terceira página

diz. O chefe manda fazer qualquer coisa, vão para onde bem lhes apetece.

Quando vão pra mesa é o fim do mundo. Entram O dever é estarem calados. Não! Começa logo a troca dos talheres! Uns dizem, este pão não chega! Este garfo não é meu! Nisto aparece o chefe e prega uma carolada num, este toca de refilar e diz: — só a mim é que me bates!

Rapazes; todos nós temos deveres a cumprir. O chefe para chegar àquele lugar teve de saber respeitar; todo aquele que manda não deve de ser falso, mas sempre leal e bom cumpridor da sua obrigação.

Era bom que todos contribuíssem para o mesmo fim, respeitar, quer estejam, no trabalho, na refeição ou no recreio.

Assim, já o chefe não tinha tantas censuras nem os superiores andavam tão preocupados. Pedía a todos que me estão a ouvir, para que de hoje em diante sejam mais cumpridores dos seus deveres e mais respeitadores. Até à próxima se Deus quiser.*

Já é o terceiro domingo que nos reunimos neste serão. Está-se já a ver progresso.

— Temos cá também um poeta que é o Alfeizeirão. Ia eu num destes dias para ver se os animais já estavam tratados a aparece-me o Alfeizeirão com estas e outras quadras escritas por ele. Eu fiquei admirado e pensei, os nossos leitores também gostariam de as ler:

I

É a nossa querida Obra
Um lugar como nunca vi
Desde que práqui entrei
Que felicidade senti

II

É ao nosso Pai Américo
Que se deve agradecer
Com carinho e lealdade
E com todo o nosso ser.

— Leitores! O chefe do Casal, queixa-se que não tem relógio para levantar a malta!

Joaquim A. Gouveia Marques

PAÇO DE SOUSA A nossa antiga pedreira está uma autentica piscina devido às chuvas que ultimamente têm caído na nossa região.

Ora acontece que a malta faz com ela uma autentica pândega, pois faz jangadas, tomando por vezes banho sem querer...

Mas o pior é que eles não desanimam, saiem às vezes dali que parecem pintos, mas sempre animados. Se fosse no trabalho que se tivessem molhado aquelas vezes todas, ninguém cabia com eles de refilões, mas como não é...

— Aumenta a alegria cá em casa, por termos a certeza que a A Voz dos Ridículos, com seu director, linotipista, bate-chapas, etc., vêm cá fazer uma festa para nós.

Muito penhorado, em nome da malta agradeço, ficando à espera desse dia, que tenho a certeza absoluta será em cheiro.

Agradeço as imerecidas palavras à minha pessoa e desejo muitos triunfos aos magos do riso, que os nossos leitores podem ouvir através dos microfones da Ideal Rádio, aos domingos, por volta das 13.30 da tarde.

— As nossas mimosas já têm flor, os dias já estão a crescer um bocado e os visitantes à nossa cidadezinha já começam a afluir e esperamos que aumente de dia para dia, como nos mais anos.

— Sinceramente agradeço a todos os que me enviarem cumprimentos pela passagem do meu aniversário. Principalmente à senhora D. Emília e seu marido da «Comarca de Arganil», que além de me enviarem uma prenda, mandaram também uma lista de novos assinantes para a Campanha dos cinquenta mil, que dentro de breve tempo pensamos atingir.

Também tenho a agradecer à Ex.^{ma} Senhora D. Aurora Celeste Fernandes e marido, que me enviaram umas peças de roupa que me fizeram um jeitão...

— Saiu o 10.º fascículo da História do Futebol Clube do Porto. Como sempre, a sua apresentação gráfica é digna dos nossos elogios. Parabéns à «Marca» do Porto.

Daniel Borges da Silva